



Research Paper

Os Desafios Do Ensino Superior E Os Papéis Sociais Na Identidade Profissional Do Adolescente: Uma Revisão Narrativa De Literatura

Vanessa Tiemi Duarte Raffo¹
Amarilis Cavalcanti da Rocha²
Diego da Silva³

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir sobre os desafios no ensino superior e os papéis sociais na identidade profissional do adolescente. Para tanto foi realizada revisão narrativa de literatura em bases de dados científicos como Scielo, Pepsic, Google Acadêmico e sites oficiais. A transição e a adaptação ao ensino superior exigem empenho e esforço do aluno. Ele passará a desempenhar atividades que serão fundamentais para formação de sua personalidade, pois existirão novos desafios, novos papéis, contextos, rotinas e principalmente, responsabilidades. A adolescência é uma fase cheia de transformações biopsicossociais que acarretam mudanças em seu desenvolvimento, isso faz com que os jovens reestruturem suas identidades pessoais, reconhecendo seu novo corpo, suas novas ideias e novas relações. Diariamente as pessoas estão sujeitas a escolhas, que podem ser complexas, simples, planejadas, impulsivas, que satisfazem e que decepcionam. Escolher uma profissão nem sempre é uma tarefa fácil, podendo acarretar em uma tortura ao adolescente que precisa se posicionar. Entretanto, esta situação ocorre devido à época de transformações e mudanças biopsicossociais que está passando. Sociedade, família e amigos muitas vezes cobram posicionamento e grande parte destes adolescentes não estão preparados para tal responsabilidade. Deste modo, quanto melhor orientada for esta família, mais consciente de sua identidade e de seus papéis eles estarão, o que pode facilitar o processo de escolha profissional.

Palavras-chave: Identidade; Ensino superior; Social; Adolescência.

Received 02 August, 2021; Revised: 14 August, 2021; Accepted 16 August, 2021 © The author(s) 2021. Published with open access at www.questjournals.org

I. INTRODUÇÃO

No contexto da cultura brasileira, o ensino universitário tem sua importância proclamada tanto pela perspectiva oficial como pelo senso comum predominante no seio da sociedade que vivemos. Atribui-se significativa participação na formação dos profissionais dos diversos campos e na preparação dos quadros administrativos e das lideranças culturais e sociais do país, sendo visto como um mecanismo de crescimento social, tendo a valorização para o ensino oferecido pelas universidades públicas. Introduzido no Brasil apenas na terceira década do século XX, o desenvolvimento do modelo universitário no país marcou-se pelo caráter privado de sua dependência administrativa e a sua natureza de instituição isolada, como que recuperando e consolidando a tradição fundadora iniciada nos idos do Império com as faculdades de Direito, Medicina e Engenharia (SEVERINO, 2008).

Para Diniz e Goergen (2019) a educação superior brasileira está pautada em termos jurídicos por elementos constitucionais regulamentados por leis que regem o sistema de ensino, em termos nacionais, além de acordos internacionais, tais como a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI. Neste âmbito,

¹Psicóloga graduada pelas Faculdades Pequeno Príncipe. Possui Residência Multiprofissional Integrada em Atenção Hospitalar do Complexo Hospital de Clínicas da UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil. Email: vanessatduarte@gmail.com

²Psicóloga, mestre. Docente do curso de Psicologia das Faculdades Pequeno Príncipe Curitiba, Paraná, Brasil.

³Psicólogo, mestre em Medicina Interna e ciências da Saúde pela UFPR. Docente do curso de Psicologia da UniEnsino, Curitiba, Paraná, Brasil.

o artigo 205 da Constituição brasileira menciona a educação como direito universal, dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração social, para o pleno desenvolvimento da pessoa, do cidadão e do trabalhador. Portanto, as normativas constitucionais determinam que a educação instrumentalize não só a formação humana e suas potencialidades, mas, também capacite o cidadão e trabalhador, estando tal capacitação relacionada também com o nível superior.

De acordo com Guerreiro-Casanova e Polydoro (2010) para se integrar ao ensino superior, o aluno precisará solucionar os desafios propostos pelas vivências acadêmicas em quatro domínios principais: acadêmico, social e interpessoal, pessoal e carreira/vocacional. Nesse contexto, o domínio acadêmico refere-se às novas exigências de estudo, responsabilidades, ritmos e estratégias de aprendizagem, bem como às diferentes formas de avaliação. O domínio social é relativo a padrões de relacionamentos interpessoais com diferentes grupos e de maneira mais abrangente, necessários para as vivências acadêmicas. O domínio pessoal é compreendido como a dimensão que caracteriza o sentido de identidade, maior conhecimento de si, desenvolvimento da autoestima e da visão de mundo. O domínio carreira e vocacional envolve a busca de identidade profissional, de tomada de decisões e de compromissos com as metas estabelecidas.

Deste modo, o presente artigo pautou-se na revisão narrativa de literatura, utilizando como fontes de busca bases de dados científicos como Scielo, Pepsic, Google Acadêmico e sites oficiais que versavam sobre ensino superior e os papéis sociais de estudantes universitários. Os descritores de busca englobaram: “ensino superior”; “Papéis sociais”; “identidade” e poderiam ter sido publicados em idiomas inglês, português, espanhol nos últimos 30 anos. O objetivo deste artigo é refletir sobre os desafios no ensino superior e os papéis sociais na identidade profissional do adolescente.

OS DESAFIOS DO ENSINO SUPERIOR

Em 2000 o Brasil apresentava 1.004 Instituições de Educação Superiores privadas e 176 públicas, 11 anos depois, 2011, houve um total de 2.314, tendo 5.954.021 estudantes e 307.815 docentes, sem contar a educação à distância, porém, mesmo com os altos números de egressos, são poucas as pessoas que concluem o ensino superior caindo para 959.197 (ALMEIDA *et. al.*, 2012; BRUM *et. al.*, 2013; FRANCO, 2008).

No transcurso da história, as universidades assumiram diferentes papéis em sua relação com a sociedade. As transformações históricas ocorridas, tanto as culturais como as tecnológicas e também as sociais, modificaram a universidade. Dentre essas mudanças, poderíamos mencionar a industrialização, as novas tecnologias da informação, a massificação (e, em consequência, a diversificação) do sistema de Educação Superior e a internacionalização. Nesse sentido, a Educação Superior está sujeita a influências demográficas (tanto quantitativas como qualitativas, relativas à tipologia de estudantes e às tendências de matrícula), políticas (através do financiamento, das políticas de acesso, etc.) e tecnológicas (que influem na sua organização interna) (FAGUNDES, 2012, p.63).

São inúmeros os motivos pelos quais um aluno não chega a concluir uma graduação. Um dos grandes desafios considerados pelos pesquisadores é a adaptação do discente ao ensino superior, pois neste período o jovem egresso vivência diferentes mudanças que podem gerar problemas de ajustamento acadêmico (CUNHA, CARRILHO, 2005). Para Costa e Leal (2008) a mudança é um fator recorrente na vida dos indivíduos que estão passando pela adolescência e a transição ao ensino superior pode muitas vezes ser avaliado como ameaçador.

O ensino médio no Brasil tem como finalidade consolidar e aprofundar em 3 anos, no mínimo, os conhecimentos que foram adquiridos na educação fundamental obrigatória, habilitando o educando a prosseguir os estudos e preparando-o para a vida profissional de nível técnico. Nesta etapa as Instituições dispõem, por exemplo, de apostilas, livros, atividades direcionadas e o aluno não tem uma participação tão ativa. Já no ensino superior a metodologia de ensino estimula os estudantes a terem autonomia, iniciativa, responsabilidade e dedicação (AZEVEDO, REIS, 2014; FAGUNDES, 2012).

O ensino superior propõe desafios diferentes do ensino médio, com isso o jovem se depara com uma série de escolhas que irão definir seu futuro (ALMEIDA, PINHO, 2008; TAVARES, 2012). As mudanças pedagógicas são fatores expressivos na adaptação dos discentes de primeiro ano de graduação, pois no ensino médio a relação entre professor e aluno e até mesmo entre os colegas ocorre de forma mais ativa. No ensino superior há uma nova construção de conhecimento, que é menos passivo; existe uma maior quantidade de conteúdo, a utilização de linguagem é mais técnica, exigindo do aluno mais compreensão e menos memorização (FREITAS, RAPOSO, ALMEIDA, 2007).

Para Tavares (2012) o processo de adaptação está diretamente ligado à maneira com a qual o estudante irá trabalhar suas questões educativas, ou seja, acadêmicas.

Existe dois tipos de fatores associados à adaptação ao Ensino Superior: individuais e contextuais. Os fatores individuais estão associados aos estudantes e englobam fatores acadêmicos que influenciam a qualidade do processo de adaptação e os seus resultados, essencialmente na dimensão acadêmica. Abrangem também fatores não acadêmicos que estão relacionados com variáveis não intelectuais ou psicossociais como a personalidade, autoconceito e autoestima, stress, redes de suporte social e estratégias de *coping*. Os fatores contextuais

encontram-se relacionados com o ambiente/contexto associando a qualidade das experiências das universidades no que diz respeito à relação com professores, relacionamento com colegas, clima na sala de aula, atividades extracurriculares (TAVARES, 2012, p.19).

A transição e a adaptação ao ensino superior exigem empenho e esforço do aluno. Ele passará a desempenhar atividades que serão fundamentais para formação de sua personalidade, pois existirão novos desafios, novos papéis, contextos, rotinas e principalmente, responsabilidades (CUNHA, CARRILHO, 2005; FREITAS, RAPOSO, ALMEIDA, 2007; TAVARES, 2012).

Por razões várias, a transição para a universidade é vivenciada pelo jovem de forma ambígua. Por um lado ela é pautada por enormes expectativas de conquista de liberdade e autonomia, e pela percepção de que atingiu algo por que por muito lutou ao longo do Ensino secundário, e, por outro lado, é vivenciada por sentimentos de ansiedade e perplexidade face à novidade e aos desafios da transição. Esta situação não assume, logicamente, a mesma forma e intensidade para todos os alunos. As mesmas exigências institucionais oscilam na sua importância em função da avaliação que os alunos fazem das mesmas e, sobretudo dos mecanismos de resposta que o aluno possui para enfrentar tais exigências (ALMEIDA, 2007, p.206).

É esperado do aluno no ensino superior um maior nível de iniciativa e autonomia, pois durante as aulas serão dados muitas vezes esquemas genéricos dos conteúdos, fazendo com que o aluno descubra sozinho como gerenciar seu tempo, as formas de aprender e de obter sucesso (ALMEIDA, 2007).

Segundo Teixeira, Castro e Piccolo (2007) o apoio recebido pelos pais e amigos podem ter reflexos positivos na adaptação à graduação, pois fornece apoio emocional. Pessoas mais seguras emocionalmente se portam com mais facilidade quando em situações desafiadoras. Jovens acadêmicos tendem a aumentar as chances de adaptação conforme vão conhecendo a si mesmos. Quando o aluno consegue passar pelo processo de adaptação, tende a ter um melhor rendimento acadêmico (SOARES, MOURÃO, MELLO, 2011).

II. IDENTIDADE PROFISSIONAL

A adolescência é uma fase cheia de transformações biopsicossociais que acarretam mudanças em seu desenvolvimento, isso faz com que os jovens reestruturem suas identidades pessoais, reconhecendo seu novo corpo, suas novas ideias e novas relações (ALMEIDA, PINHO, 2008; NEIVA, 2013). É o período “de consolidação da identidade, em que o jovem se depara com uma série de escolhas que definirão seu futuro” (ALMEIDA, PINHO, 2008, p.173).

Para Brusamarello *et. al.* (2008), a adolescência pode ser considerada uma fase crítica, devido a sua posição entre o deixar de ser criança e a aspiração do jovem em se tornar adulto. O jovem vive um período caracterizado por intensos conflitos e constante empenho em se autoafirmar. Gradualmente acontece a separação com os pais, ocorrendo uma forte vinculação em grupos sociais, com o intuito de buscar sua própria identidade.

Identidade traduz-se em uma série de antíteses: o sentimento de quem se é e de quem não se é, quem se quer ser e quem não se quer ser, quem se crê que deva ser e quem se crê que não deva ser, quem se pode ser e quem não se pode ser, quem se permite ser e quem não se permite ser (BOHOSLAVSKY, 1998, p.42).

A tarefa mais importante na adolescência é a construção da identidade pessoal, pois a partir dela que ocorrerá o desenvolvimento para uma vida adulta produtiva e madura (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS, SILVARES, 2003).

Segundo Silva e Valério (2015) e Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003) a construção da identidade se dá através das influências intrapessoais, interpessoais e de fatores culturais, ou seja, são capacidades inatas do indivíduo, identificações adquiridas por meio de outras pessoas e os valores sociais que este indivíduo estará exposto. A formação da identidade define quem a pessoa é; é uma concepção de si mesmo, composta por valores, crenças e metas que o indivíduo está envolvido. Com o passar do tempo as identificações estabelecidas na identidade pessoal contribuem para a construção da identidade profissional vocacional e ocupacional.

Bohoslavsky (1998) diferencia a identidade vocacional da ocupacional. A primeira constitui a resposta ao porque e para que se escolhe uma determinada ocupação, porém essa resposta nem sempre será clara para o adolescente. Já a identidade ocupacional é adquirida quando o indivíduo define o que quer fazer, decidindo com que, como, onde, quando e a maneira de quem.

Considera-se assim que o processo de escolha profissional implica a elaboração de uma identidade vocacional-ocupacional, ou seja, a definição do que fazer, como e onde, e também a compreensão do por que e para que dessa decisão (NEIVA, 2013).

III. ESCOLHA PROFISSIONAL

Diariamente as pessoas estão sujeitas a escolhas, que podem ser complexas, simples, planejadas, impulsivas, que satisfazem e que decepcionam (MORETTO, AGUIRRE, 2002). Além disso, toda escolha gera consequentemente uma renúncia e ao abandonar a outra opção o indivíduo corre o risco de se deparar com um sofrimento (LOURENÇO, SANTOS, 2007).

As possibilidades de escolha profissional são de suma importância, não somente por uma questão de realização pessoal, mas fundamentalmente, pelo novo cenário que irá se deparar (SILVA, VALÉRIO, 2015). Dificilmente os adolescentes se dão conta de que a escolha profissional envolve muito mais do que um título (enfermeiro, psicólogo, médico...), inclui atividades do trabalho, ambiente, a rotina, as pessoas com as quais poderão se relacionar e os retornos que poderá ser obtido como salário, desenvolvimento de carreira, etc. Considerar esses fatores no processo de escolha é essencial para que a decisão seja madura e consciente (NEIVA, 2013; TEIXEIRA, CASTRO, PICCOLO, 2007).

Quando um adolescente se depara com a escolha de uma profissão, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele próprio se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família (ALMEIDA, PINHO, 2008, p.174).

Escolher uma profissão nem sempre é uma tarefa fácil, podendo acarretar em uma tortura ao adolescente que precisa se posicionar. Entretanto, esta situação ocorre devido à época de transformações e mudanças biopsicossociais que está passando. Sociedade, família e amigos muitas vezes cobram posicionamento e grande parte destes adolescentes não estão preparados para tal responsabilidade (FILIZATTI, 2003).

Neiva (2013), Silva e Valério (2015) afirmam que ao escolher uma coisa, renuncia-se a outra e este é o grande desafio que o adolescente encontra quando não se tem a identidade bem definida. O processo de identidade vocacional-ocupacional exige do indivíduo a elaboração de lutos que são específicos, ou seja, pelo objeto que se abandona.

Alguns desses lutos: pela perda das escolhas profissionais fantasiadas, pela perda dos pais da infância, pela perda do corpo adolescente, pela perda das identificações profissionais que abandona, pela perda do papel e identidade de adolescente. Podemos acrescentar ainda os lutos relacionados à vida escolar: perda de professores da escola de ensino médio e da segurança que ela oferece, pela perda de professores já conhecidos, pela perda dos colegas que escolhem caminhos distintos (NEIVA, 2013, p.40).

É importante entender as motivações, reflexões, compreensões e até mesmo informações que estes jovens têm para escolherem sua profissão, pois escolher uma carreira envolve aspectos sociais, econômicos, culturais e emocionais (ALMEIDA, ARAUJO, 2011; OLIVEIRA, SILVA, NETO, 2009). Muitas vezes o insucesso da escolha pode ser manifestado em um difícil processo de adaptação, causando o baixo rendimento acadêmico, no absentismo, nas disciplinas em atraso, ocasionando a mudança de curso e até mesmo o abandono (TAVARES, 2012).

No que se refere à escolha profissional, principalmente quando associada à escolha de um curso superior, pode-se perceber que na sociedade atual ela é concebida como imposição da idade e, mesmo, do desenvolvimento humano, variando entre as classes sociais e acenando para a atividade que o indivíduo, potencialmente, assumirá pelo resto da vida. (...) Escolher uma ocupação profissional é algo recente (...) por muito tempo, viveu-se experiências voltadas ora para o ócio, ora para a subsistência ou mesmo momentos em que a força de trabalho era destinada a uma única camada da população, principalmente em certos períodos históricos (OLIVEIRA, SILVA, NETO, 2009, p. 9299-9300).

Escolher uma profissão requer maturidade e consciência, pois o adolescente irá analisar e integrar conhecimentos, desenvolvendo habilidades e atitudes que irão permitir o aprendizado e a tomada de decisão. Aspectos positivos, negativos, qualidades e defeitos são características da personalidade que auxiliam o indivíduo na formação de sua autoimagem. A percepção real ou imaginária do adolescente sobre como família, professores e amigos o veem também irá contribuir para esta formação (NEIVA, 2013).

Neiva (2013) relata a importância do jovem ter consciência no momento da escolha, pois os interesses das pessoas não são estáticos. Ao longo da vida é possível adquirir novos interesses e integrá-los aos já existentes. Cada pessoa nasce com diferentes potencialidades que podem ou não se desenvolver. Aptidões são potencialidades que se desenvolvem através da interação e estimulação do ambiente ou da herança do próprio adolescente. “As habilidades devem ser consideradas no processo de escolha profissional. É muito importante que o adolescente reflita sobre quais são as suas habilidades mais fortes, médias e deficientes” (NEIVA, 2013, p.50).

A família é o grande alicerce no momento da decisão e muitas vezes ela deposita no jovem sonhos, perspectivas e objetivos que não foram ou que já são tradicionais dentro do núcleo familiar (OLIVEIRA, SILVA, NETO, 2009). Com isso, muitas vezes assumem diferentes posições no seu processo de escolha profissional do adolescente (NEIVA, 2013; SOUZA, 2007).

Neiva (2013) e Souza (2007) conceituam as três disposições do núcleo familiar durante o processo de escolha, sendo a primeira, a família pressionadora, cujo algum membro da família pressiona o adolescente ou determina uma profissão. Nem sempre esta pressão será direta, ou seja, existe uma influência inconsciente. Um exemplo claro é o de um pai que não pôde cursar medicina, por questões financeiras e deseja que seu filho realize o projeto que não pôde cumprir, inconscientemente influenciando o jovem para que tome esta decisão.

Pode ocorrer ainda de um membro da família ser depositário do sintoma do grupo e constituir-se no “bode expiatório”, carregando o conflito familiar e buscando solucioná-lo pela escolha profissional. Por exemplo, (...) uma família cujo pai foi assassinado em um assalto, quando os filhos eram ainda crianças, o que gerou muito sofrimento a todos os seus membros. O filho mais velho, ao entrar na adolescência, começou a pensar em estudar direito, sendo incentivado pela mãe, pelo avós e pelos irmãos, constituindo-se assim o depositário do sintoma familiar (NEIVA, 2013, p.68).

A família ausente costuma não se interessar e nem participar do processo de escolha do adolescente. Muitas vezes esse tipo de estrutura ausenta-se não apenas na decisão profissional, mas da vida do indivíduo. Nestes casos, a família acaba gerando sentimentos de abandono no adolescente que tem a necessidade de sentir os desejos dos pais. Já a família facilitadora é aquela que, sem pressionar consegue participar do processo de escolha, estando aberta e disponível ao diálogo sobre as ideias, as dúvidas, preocupações e expectativas do adolescente (NEIVA, 2013; SOUZA, 2007).

Tanto a família pressionadora como a ausente contribui negativamente na construção da identidade vocacional-ocupacional do adolescente, fazendo com que este elabore uma pseudoidentidade, fazendo a escolha que tem como objetivo agradar a família. Os autores ainda salientam a importância da tomada de consciência do papel real que a família está desempenhando e seu processo de decisão (NEIVA, 2013; SOUZA, 2007).

É necessário também ressaltar o papel dos pais na aprendizagem do processo de decisão. Saber decidir requer treinamento e aprendizagem, que devem começar muito cedo, na infância. Infelizmente, esse treinamento é pouco, ou quase nunca, realizado em nível familiar (NEIVA, 2013, p.69).

Bernardo (2006) e Neiva (2013) afirmam que além da família, os professores são essenciais no processo de escolha de seus alunos, pois contribuem na informação sobre a realidade socioprofissional. A relação que o aluno estabelece com as matérias estudadas e a afinidade com seus respectivos professores desenvolvem interesses e potencialidades. Além disso, os docentes podem contribuir na formação da autoimagem dos discentes, pois constantemente atuam como emissor de opiniões e *feedbacks* quanto aos comportamentos, interesses, atitudes, competências e habilidades. Infelizmente, existem casos em que os adolescentes distanciam-se de uma determinada área por conta de um *feedback* negativo do professor.

Vale ressaltar que muito poderia ser feito, dentro do sistema escolar e desde a educação infantil, para facilitar a aprendizagem do processo de decisão. Como no caso da família, a escola acaba assumindo uma posição essencialmente paternalista, decidindo com frequência por seus alunos: como devem vir vestidos, quais atividades vão realizar, quais alunos pertencerão a uma mesma turma, quais normas e regras deverão ser obedecidas, etc. Pouco ou quase nada é permitido ao aluno decidir (NEIVA, 2013, p.72).

Por isso é de suma importância que as Instituições de ensino médio ofereçam a seus educandos programas de orientação profissional, que propicia a reflexão e a discussão quanto às expectativas, dúvidas e inquietudes a cerca do futuro profissional, facilitando o processo de escolha (NEIVA, 2013).

IV. TEORIA DOS PAPÉIS E A MATRIZ DE IDENTIDADE NO PSICODRAMA

Nos últimos anos foram desenvolvidas novas teorias que tem como proposta formar uma ponte entre a psiquiatria e a ciências sociais. Um dos mais significativos conceitos dessa nova estrutura é o conceito de papel (MORENO, 1978).

É um mito que o sociólogo norte-americano G. H. Mead tenha exercido uma influência marcante sobre a formulação do conceito psiquiátrico de papel e de sua psicopatologia. A formulação e desenvolvimento desse conceito e das técnicas de desempenho de papéis é do exclusivo domínio dos especialistas em psicodrama (MORENO, 1978, p.24).

Como o teatro representou, inicialmente, a matriz e o *locus* do projeto moreniano, nada mais lógico, que o conceito de papel tenha se construído numas das pedras angulares da teoria moreniana e da prática sócio-psicodramática (ROJAS-BERMÚDEZ, 1980).

Para Moreno (1978), no processo de desenvolvimento de cada indivíduo, os papéis nascem no interior da matriz de identidade que compõe a base psicológica para todos os desempenhos de papéis e lança as bases do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança. A matriz de identidade é o universo indiferenciado onde o bebê vive antes e imediatamente após o nascimento. Os papéis não emergem do eu, é o eu quem emerge

dos papéis, por isso seu desempenho é anterior ao surgimento do eu. O conceito de matriz de identidade no início da vida está ligada aos processos fisiológicos e posteriormente, com o passar da evolução, aos processos psicológicos e sociais. É o lugar onde o indivíduo se insere desde o seu nascimento, relacionando-se com outros objetos e pessoas; ou seja, a matriz de identidade é o *locus nascendi*, a placenta social.

O indivíduo se realiza a partir do desempenho dos papéis na sociedade, ou seja, cada pessoa pode ser caracterizada por uma variedade de papéis que regem seu comportamento. Assim, todo papel pode ser considerado uma fusão de elementos particulares e coletivos, que estão presentes em todas as dimensões da vida (MORENO, 1978; ROJAS-BERMÚDEZ, 1980).

A teoria dos papéis não pode ser limitada aos papéis sociais; ela deve incluir as três dimensões: papéis sociais, expressando a dimensão social; papéis psicossomáticos, que expressam a dimensão fisiológica e os papéis psicodramáticos, que constituem a expressão da dimensão psicológica do eu (MORENO, 1978, p.28).

Os papéis são as formas de funcionamento de cada indivíduo em relação ao meio. Neste mesmo estão incluídos animais, objetos, tecnologia, outras pessoas e o seu mundo interior (ROJAS-BERMÚDEZ, 1980). Assim, para Moreno (1978), as dimensões psicossomáticas, sociais e psicodramáticas foram nomeadas no psicodrama como *role-taking*, *role-playing* e *role-creating*, que acontecem em quase todos os papéis. O indivíduo que não passa pelas três etapas pode estar desempenhando uma atuação de papel e não a representação verdadeira. A atuação de papel acontece muitas vezes por falta de espontaneidade, ou seja, aquele indivíduo não está se sentindo confortável com o que está vivenciando, sentindo-se ameaçado, por exemplo; ou porque sua espontaneidade está em estado patológico, tendo distorções de suas percepções.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a adolescência pode ser marcada por uma série de transformações físicas, cognitivas, afetivas, sociais, emocionais que interferem diretamente na identidade e nas escolhas profissionais dos indivíduos. Isto se reflete principalmente na entrada para uma universidade, o que gera repercussões no cotidiano destes adolescentes. Geralmente este período do ciclo vital é tido como um momento difícil de compreensão pelo adolescente e pelas pessoas que estão ao seu redor, portanto, quanto melhor orientada for esta família, mais consciente de sua identidade e de seus papéis eles estarão, o que pode facilitar o processo de escolha profissional.

REFERÊNCIAS

- [1]. ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação acadêmica êxito escolar no ensino superior. **Revista Galeco-Portugues de Psicologia e Educação**, v.15, n.2, p.203-215, 2007.
- [2]. ALMEIDA, L. *et al.* Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. **Revista Avaliação**, v.17, n.3, p.899-920, 2012.
- [3]. ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Revista Psicologia Clínica**, v.20, n.2, p.173-184, 2008.
- [4]. ALMEIDA, T. O.; ARAUJO, T. T. A importância da orientação vocacional e profissional. **Revista Psicologia em Destaque**, v.1, n.1, p.81-85, 2011.
- [5]. AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. **O Ensino médio e os desafios da experiência: movimentos da prática**. São Paulo: Moderna, 2014.
- [6]. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2011.
- [7]. BERNARDO, M. A. B. **Desafios da educação superior na atualidade: trajetórias docentes**. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.
- [8]. BOCK, A. M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- [9]. BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- [10]. BRUM, E. H. M. *et al.* Adaptação acadêmica dos alunos da psicologia do Cesuca ao ensino superior: uma proposta de avaliação e intervenção. **Revista Científica do Cesuca**, v.1, n.7, p.01-15, 2013.
- [11]. BRUSAMARELLO, T. *et al.* Consumo de drogas: concepções de familiares de estudantes em idade escolar. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v.4, n.1, s/p, 2008.
- [12]. COSTA, E. S.; LEAL, I. Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior - Avaliar para interferir. In: **CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE**, 7, 2008, Porto. *Anais*. Porto: ACTAS, 2008. p.213.
- [13]. CUNHA, S. M.; CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v.9, n.2, p.215-224, 2005.
- [14]. DINIZ, A. M. ALMEIDA, L. S. Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem estar pessoal e o equilíbrio emocional. **Revista Análise Psicológica**, v.1, n.24, p.29-38, 2006.
- [15]. DINIZ, R. V.; GOERGEN, P. L. Educação Superior no Brasil: panorama da contemporaneidade. **Avaliação** (Campinas), v. 24, n. 03, Sep-Nov 2019.
- [16]. FAGUNDES, C. V. Transição Ensino Médio-Educação Superior: qualidade no processo educativo. **Revista Educação por escrito**, v.3, n.1, p.62-73, 2012.
- [17]. FARIAS, I. M. S. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 2ed. Brasília: Liber livro, 2009.
- [18]. FILIZATTI, R. O desafio da escolha profissional. **Revista Psico - USF**, v.8, n.1, p.93-94, 2003.
- [19]. FONSECA, R. C. V. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: Iesde, 2007.
- [20]. FRANCO, A. P. Ensino Superior no Brasil: cenário, avanços e contradições. **Jornal de Políticas educacionais**, v.1, n.4, p.53-63, 2008.
- [21]. FREITAS, H. C. N. M.; RAPOSO, N. A. V.; ALMEIDA, L. S. Adaptação do estudante ao ensino superior e rendimento acadêmico: um estudo com estudantes do primeiro ano de enfermagem. **Revista Portuguesa de pedagogia**, v.41, n.1, p.179-188, 2007.

- [22]. FILIZATTI, R. O desafio da escolha profissional. **Revista Psico - USF**, v.8, n.1, p.93-94, 2003.
- [23]. GOMES, M. J. *et. al.* Evasão acadêmica no ensino superior: estudo na área da saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 12, n.1, p.6-13, 2010.
- [24]. GONZAGA, L. R. V. **Relação entre vocação, escolha profissional e nível de stress**. 2011. 105f. Dissertação (Mestrado em Psicologia como profissão e ciência) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2011.
- [25]. GUERREIRO-CASANOVA, Daniela; POLYDORO, Soely. Integração ao ensino superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 85-96, 2010.
- [26]. IGUE, E. A.; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Revista Psico-USF**, v.13, v.2, p.155-164, 2008.
- [27]. JUNQUEIRA, M. L. **Maturidade para a escolha da carreira em adolescentes de um serviço de orientação profissional**. 215f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Ribeirão Preto, 2010.
- [28]. LOURENÇO, S.; SANTOS, T. B. F. O processo de escolha e autoconhecimento rumo a profissão. In: **AMOSTRA ACADÊMICA UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA**, 5, 2007. São Paulo. *Anais*. Piracicaba: UNIMEP, 2007, p.1.
- [29]. MOGNON, J. F.; SANTOS, A. A. A. Relação entre vivência e os indicadores de desenvolvimento de carreira em universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.14, n.2, p.227-237, 2013.
- [30]. MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- [31]. MORETTO, C. F.; AGUIRRE, B. M. B. **Ensino superior, escolha e racionalidade: os processos de decisão dos universitários do município de São Paulo**. 2002. 201f. Tese (Doutorado em teoria econômica) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- [32]. MORETTO, C. F. Os processos de decisão no ensino superior: algumas evidências para os universitários do município de São Paulo. **Revista Economia Contemporânea**, v.8, n.1, p.183-209, 2004.
- [33]. NEIVA, K. M. C. **Processos de escolha e orientação profissional**. 2ed. São Paulo: Vetor, 2013.
- [34]. NEPOMUCENO, R. F.; WITTER, G. R. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n.1, p.15-22, 2010.
- [35]. NEVES, S. M. **Os papéis sociais e a cidadania**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.
- [36]. OLIVEIRA, P. W. S. Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho. **Revista Labor**, v.1, n.6, p.345-362, 2011.
- [37]. OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; NETO, W. M. F. S. A escolha profissional na adolescência: motivações e apontamentos para a atuação em psicopedagogia. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 9, 2009. *Anais*. Curitiba: EDUCERE, 2009, p.9297
- [38]. RODRIGUES, A. C. L.; BORMIO, S. N. G. Escolha profissional: tarefa complexa na adolescência? In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 2, 2008. São Paulo. *Anais* (recurso eletrônico). Bauru: USC, 2008, s/p.
- [39]. ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. **Introdução ao psicodrama**. 3ed. São Paulo: Mestre Jou, 1980.
- [40]. SANTOS, A. A. A. *et. al.* Integração ao Ensino Superior e satisfação acadêmica em Universitários. **Revista Psicologia, ciência e profissão**, v.33, n.4, p.780-793, 2013.
- [41]. SEVERINO, A. J. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 73-89, 2008.
- [42]. SILVA JUNIOR, J. R.; LUCENA, C.; FERREIRA, L. R. As relações entre o ensino médio e a educação superior no Brasil: profissionalização e privatização. **Revista Educação e Sociedade**, v.32, n.116, p.839-856, 2011.
- [43]. SILVA, N. A.; VALÉRIO, N. I. Psicodrama e escolha profissional: relato de experiência. **Revista Conexão eletrônica**, v.12, n.1, s/p, 2015.
- [44]. SOARES, A. B. *et. al.* O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior. **Revista Psico-USF**, v.19, n.1, p.48-60, 2014.
- [45]. SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MELLO, T. V. S. Estudo para a construção de um instrumento de comportamentos acadêmicos-sociais para estudantes universitários. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.11, n.2, p.488-506, 2011.
- [46]. SOUZA, S. G. Processos de escolha e orientação profissional: uma reflexão teórica e prática. **Revista Avaliação psicológica**, v.6, n.2, p.275-276, 2007.
- [47]. SOUZA, M. F.; SOUZA, R. L. O processo de escolha da área de atuação pelo graduando de Psicologia. **Revista Kaleidoscópio**, v.3, s/n, p.36-58, 2012.
- [48]. SHAFFER, D. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. 8ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- [49]. SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Revista Estudos de Psicologia**, v.8, n.1, p.107-115, 2003.
- [50]. SCHOEN-FERREIRA, T. H.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos Séculos. **Revista Psicologia: teoria e pesquisa**. V.26, n.2, p.227-234, 2011.
- [51]. TAVARES, D. M. **Adaptação ao Ensino Superior e Otimismo em Estudantes do 1º ano**. 2012. 82f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2012.
- [52]. TEIXEIRA, M. A. P.; CASTRO, G. D.; PICCOLO, L. R. Adaptação à Universidade em estudantes universitários: um estudo correlacional. **Revista Interação em Psicologia**, v.11, n.2, p.211-220, 2007.
- [53]. WOLF, A. **Does education matter? Myths about education and economic growth**. London: Penguin, 2002.